

## A trajetória das emissoras em João Pessoa e sua audiência <sup>1</sup>

Gabriela NEVES<sup>2</sup>

Zulmira NÓBREGA<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

### RESUMO

Dezenove de setembro de 1950 entra no ar pela TV Tupi, fundada pelo paraibano Assis Chateaubriand, o primeiro telejornal brasileiro, *Imagens do Dia*. Em João Pessoa, na Paraíba, a exibição de um telejornal ocorreria apenas quase três décadas depois, em 1987. Esta pesquisa de natureza exploratória e descritiva apresenta elementos para construção dessa história. Para tanto, utiliza-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas com sete jornalistas que vivenciaram a ambiência de suas respectivas redações à época. Apresentamos aqui contribuições, depoimentos, sobre a implantação das quatro primeiras emissoras de TV da cidade: TV Cabo Branco, TV Manaíra, TV Tambaú e TV Correio, destacando as mudanças ocorridas na ambiência, linguagem e audiência em 30 anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** TV; história; telejornalismo; João Pessoa.

### 1 Introdução

No dia 18 de setembro de 1950, às sete horas em ponto, o Jockey Club de São Paulo estava lotado com pessoas a espera da grande estreia. Em vários outros pontos da cidade foram instalados receptores, que chegaram no Brasil por caminhos duvidosos. Todo mundo estava morrendo de ansiedade. Num estúdio, artistas se posicionavam para entrar no ar, tudo estava pronto. Uma das câmeras falhou, houve um alvoroço. Assis Chateaubriand, o homem que aguardava ansiosamente esse dia não sabia o que fazer. Após uma hora e meia de atraso Cassiano Gabus Mendes coloca tudo nos eixos e comanda o TV na Taba, primeiro programa brasileiro e eis que a TV virou realidade no país.

No dia após a estreia, o primeiro telejornal entrou no ar. *Imagens do Dia* e tinha um estilo fortemente radiofônico, visto que era a única referência para os profissionais da época.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: [gabrielabneves@hotmail.com](mailto:gabrielabneves@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Jornalismo UFPB, email: [zulmiranobrega@uol.com.br](mailto:zulmiranobrega@uol.com.br)

Depois da inauguração da TV Tupi, muitas outras emissoras vieram, muitos programas passaram a fazer parte da vida das pessoas e muitos telejornais as informaram e continua informando a população.

A ideia que o jornalista Assis Chateaubriand colocou na cabeça em 1949 deu tão certo que hoje a televisão tornou-se um dos principais meios de comunicação. Porém para chegar até onde está hoje, mais de seis décadas depois, a TV percorreu um longo caminho. Ela precisou de muito aperfeiçoamento, tanto técnico quanto dos seus profissionais que até então vinham do rádio ou jornal impresso. Além disso, a televisão precisou procurar novas formas de produção e conquistar sua credibilidade e a confiança do telespectador.

Na velocidade das mudanças na história e na tecnologia, os profissionais do telejornalismo precisam caminhar rápido para não perder de vista as novas tendências dos meios de comunicação de massa. Hoje, para cobrir os acontecimentos locais, estaduais, nacionais e internacionais, os telejornais vão à beira de seus limites e, a partir de formados particulares, que seguem as exigências de cada emissora, tentam levar o mais rápido e com a qualidade exigida o acontecimento para o seu público-alvo. (MELLO, 2015)

Segundo Mattos (2007) os estudos relacionados a TV e a sua historiografia só começaram a aparecer em 1960 e intensificados em 1980. Ainda assim, apesar do grande número de trabalhos acadêmicos nessa temática existe ainda uma deficiência com relação a estudos mais regionalizados sobre esse meio de comunicação que tanto conquistou o Brasil.

Esta pesquisa tem o objetivo de contribuir para o debate e mapeamento da trajetória das quatro primeiras emissoras de televisão na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, até os dias atuais. Vamos compreender como se deu o processo de implantação e desenvolvimento desta mídia na cidade.

Segundo Le Goff a memória é importante porque é a principal referencia na formação da nossa identidade. Através dela, temos elementos para nos conhecermos, seja individual ou coletivamente. A memória, ainda segundo o autor, procura salvar o passado:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p 477)

A televisão faz parte do dia-a-dia de milhões de brasileiros, que não só procuram informações nos telejornais, mas também entretenimento nas telenovelas e programas. A comunicação como parte das nossas vidas também constitui a memória. Le Goff

estabeleceu em seus estudos que os jornalistas, por exemplo, são “profissionais científicos da memória” como os antropólogos, historiadores e sociólogos.

Na Paraíba, havia uma emissora em atuação pertencente aos Diários Associados, a TV Borborema, desde os anos 60. Mas ela não se situava na capital paraibana e sim em Campina Grande, onde Assis Chateaubriand já possuía uma emissora de rádio. Somente mais de 20 anos depois, foi que a primeira televisão foi instalada em João Pessoa. A primeira a estrear foi a TV Cabo Branco, afiliada Globo, que chegou dia 1º de Janeiro de 1987. No mesmo dia e ano estreou também a TV O Norte como afiliada da Rede Manchete.<sup>4</sup> Em 1991 foi a vez da TV Tambaú e por fim a TV Correio, em 1992.

Tentar compreender e sistematizar a história é uma tarefa árdua e paciente. Trazer à tona a história e memória das emissoras de televisão em João Pessoa mostrou-se um trabalho excessivamente desafiador, pois há poucos registros de como se deu a implantação e desenvolvimento das mesmas. Nesta pesquisa, que é um recorte de uma monografia apresentada no curso de jornalismo da UFPB, ao recorrer a depoimentos de jornalistas que trabalharam naquela época, analisamos a questão da audiência e quais foram as mudanças que os telejornais locais sofreram, para se adequar ao telespectador, durante todos esses anos.

## **2 Imagens do Dia: o telejornalismo no Brasil**

No Brasil falar de televisão é também falar sobre o telejornalismo. São histórias que se confundem e se complementam. E para se entender como a televisão veio parar nos nossos lares, é preciso conhecer a história do enigmático e polêmico Assis Chateaubriand.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, ou Assis Chateaubriand ou ainda simplesmente, Chatô, era um nordestino, paraibano, nascido em 4 de outubro de 1892 na cidade de Umbuzeiro. Foi um garoto tímido e gago, o que lhe custou uma alfabetização tardia, apenas aos 10 anos de idade.

Com 15 anos, Chateaubriand começou a cursar a Faculdade de Direito no Recife, em Pernambuco. Ao mesmo tempo, começou a trabalhar em redações de jornais, como *Jornal Pequeno* e *Diário de Pernambuco*.

---

<sup>4</sup> Apesar da TV Cabo Branco e TV O Norte terem estreado no mesmo dia, considera-se que a Cabo Branco foi a pioneira devido ao período que passou a exibir, em caráter experimental, uma programação por todo ano de 86 como afiliada da Rede Bandeirantes. Além disso, a estreia do primeiro programa da TV Cabo Branco foi ao meio dia e da TV O Norte, as 7 da noite.

Alguns anos mais tarde, em 1917, ele se mudou para o Rio de Janeiro onde começa a advogar, mas sem esquecer o jornalismo, trabalhando assim, no *Correio Manhã*. Chatô destaca-se nas duas profissões, conhecendo de políticos a artistas, e assume a direção de *O Jornal*, em 1924.

Numa visita a Nova York, ao assistir uma transmissão experimental da NBC, Chatô ficou estupefato chamando a TV de “instrumento mágico” e não teve dúvidas quanto a trazer a tecnologia para o Brasil. (MORAIS, 1994)

Depois de muito alvoroço e uma história controversa, onde Assis mandou trazer 200 televisores contrabandeados dos Estados Unidos, para que as pessoas pudessem assistir a estreia da emissora, no dia 18 de setembro de 1950, entrava no ar em São Paulo a TV PRF-3-TV Tupi, ou canal 3.

Enfim, *TV na Taba*, o espetáculo de estreia, foi ao ar e, na base do improviso, durou quase duas horas. Cassiano Gabus Mendes comandou artistas como Mazzaropi, Walter Forster, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lima Duarte, Wilma Bentivegna, Lolita Rodrigues, entre outros — estava dada a largada! A TV brasileira era uma realidade. (PATERNOSTRO, 2006, p. 30)

Sim, a TV era uma realidade no nosso país e já no fim da década de 1950 já funcionava meia dúzia de emissoras na região Sudeste (AQUINO, 2010).

O telejornalismo no Brasil chegou junto com a implantação da TV. Dois dias seguintes à estreia da TV Tupi Difusora, foi ao ar o primeiro programa de caráter jornalístico *Imagens do Dia*. Era um jornal com estilo radiofônico, com texto e reportagem de Rui Rezende.

Entrava no ar entre 21h30 e 22h, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e lia algumas notas com imagens em filme preto e branco e sem som. (PATERNOSTRO, 2006, p. 37).

O telejornal *Imagens do Dia* durou pouco mais de um ano e foi substituído por *Telenotícias Panair*, que durou apenas um ano.

O Brasil foi o quarto país a possuir uma emissora de TV e por isso, não havia para nós um modelo a seguir, já que funcionavam apenas três canais no mundo: na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Os produtores brasileiros não dominavam a técnica de edição de imagens simultaneamente ao som, por isso adaptaram a estrutura da TV ao único formato de programação que eles conheciam até então que era o rádio. Dessa forma, os técnicos adotaram uma forma onde a transmissão era feita quase que exclusivamente nos

estúdios, com uma linguagem muito parecida com a do rádio: textos curtos e locução dramática. (BRASIL, 2012)

O primeiro telejornal de sucesso no país foi *O repórter Esso*, um programa proveniente do rádio, que estreou na TV Tupi em 1953 e permaneceu no ar por quase 20 anos. Nessa época da TV, os anunciantes compravam espaços e os programas recebiam o nome de seus anunciantes, por isso o nome do telejornal.

*O Repórter Esso* era dirigido e apresentado por Kalil Filho, enquadrado num plano americano, tinha 23 minutos de duração e era exibido no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Zona Norte de São Paulo. A abertura do noticiário ficou famosa: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história.” (PATERNOSTRO, 2006)

O estilo da apresentação das notícias era bem parecido com o do seu clone radiofônico: as notas deviam ter, no máximo 15 segundos, e tinham que vir sempre precedidas pelo local de origem. As frases somavam, no máximo, 30 palavras, e eram escritas em linguagem popular. (BRASIL, 2012, p.90)

Outros telejornais foram aparecendo, como o primeiro telejornal vespertino, *Edição Extra*, da TV Tupi de São Paulo, apresentada por Maurício Loureiro Gama e estreou a figura do repórter no vídeo. Em 1962 surgiu o *Jornal Vanguarda*, que começou na TV Excelsior, mas passou por várias emissoras até 1968, quando foi retirado do ar pela censura. O *Jornal Vanguarda* se destacou por seu dinamismo, pois nele, havia vários locutores e comentaristas, que apresentavam os jornais juntos. Além disso, o programa rompeu com o telejornalismo tradicional, até então comum na época, para usar um tom mais coloquial.

No fim da década de 60 foi lançado o *Jornal Nacional*. Mesmo não sendo o telejornal pioneiro no país, o JN, é considerado um divisor de águas no telejornalismo brasileiro. Foi ele que, a partir do sistema de micro-ondas instalado pela Embratel, que conseguiu projetar o telejornalismo a nível nacional. Além de ser o primeiro a transmitir uma reportagem em cores, bem como, na incorporação de outros avanços tecnológicos de filmagem e edição que permitiram a criação de matérias mais dinâmicas e ágeis. O telejornal, ao contrário do *Repórter Esso*, abria a edição com notícias “quentes”, criando interesse no telespectador; alternava assuntos locais e internacionais, tentando variar entre as más notícias e assuntos mais leves.

A linguagem e todos os aspectos do *Jornal Nacional* foram guiados pelo modelo norte-americano de telejornalismo e se tornou padrão para praticamente todos os telejornais brasileiros.

Enquanto o *Repórter Esso* dava seus últimos suspiros na TV Tupi, a Rede Globo se consolidava, em 1970, atingindo um nível que apenas emissoras de países desenvolvidos haviam alcançado. Buscando audiência em todos os horários, a Globo começou a investir numa programação mais centralizada e estabeleceu o chamado “Padrão Globo de qualidade”. (BRASIL, 2012)

No início dos anos 80, o País possuía 113 emissoras e 20 milhões de televisores, com a Rede Globo imperando com 36 afiliadas. Apesar do fim da censura, essa década também ficou marcada pela cassação de concessões.

Em 1980 depois de atravessar um turbulento período de greve dos seus funcionários, a TV Tupi foi obrigada a interromper as suas transmissões por determinação do governo militar, que preferiu cassar a concessões dos canais da emissora e entrega-los a uma cooperativa de funcionários. (BRASIL, 2012, p. 96)

As concessões cassadas da Rede Tupi foram cedidas ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Manchete.

Outros telejornais que começaram a surgir também marcaram essa época. O *Bom dia São Paulo*, que serviu de teste para o matinal *Bom Dia Brasil*, e tinha o caráter mais comunitário e de prestação de serviço.

Em setembro de 1988 o SBT surpreendia com um novo formato de telejornal, o *TJ Brasil*. Nele, em um modelo importado dos Estados Unidos, Boris Casoy, era o âncora que comentava e opinava sobre as notícias televisionadas com bastante irreverência conquistando assim o telespectador.

Já no começo da década de 90 o telejornalismo no Brasil passa por grandes transformações. É possível observar uma linguagem mais sofisticada, uso de cortes e técnicas que aproximam do estilo videoclipe, com notícias pequenas e rápidas. (TEMER, 2012)

Outro salto do SBT, e de contramão a tendência de um jornalismo mais sério, foi a estreia do programa *Aqui e Agora*, que com o seu sensacionalismo conquistou imediatamente seu público.

com o objetivo claro e definido de conquistar a audiência das classes C/D/E: sensacionalista, apelativo, recheado de reportagens policiais com ação, aventura, flagrantes, denúncias, violência e tensão. Em duas horas de programa, no horário nobre, antecedendo ao *TJ Brasil*, o SBT atraiu o telespectador com um “show de notícias”, e cresceu em audiência. (PATERNOSTRO, 2006, p. 39)

Com a concorrência cada vez maior, nessa década alguns telejornais decidem fazer pequenas mudanças técnicas e de conteúdo. Em 1996, por exemplo, a Central Globo de Jornalismo decide trocar os tradicionais apresentadores do Jornal Nacional, Sergio Chapelin e Cid Moreira, por William Bonner e Lilian Witte Fibe. A TV Manchete também muda seu telejornal adicionando novas vinhetas e cenário e colocando Marcos Hummel para apresentar notícias de esportes e policiais. (TEMER, 2012)

Na metade da década de noventa um novo aparelho já toma conta da maioria dos lares: o controle remoto, fazendo crescer o hábito de ver também. Já o vídeo cassete, que começa a se popularizar, torna-se mais um concorrente da televisão.

Em outubro de 96, estreia em canal fechado a Globo News, um canal de notícias 24 horas. É um marco, o advento da TV a Cabo começa e as televisões abertas precisam enfrentar esse obstáculo. Em 2001, surge o canal Bandnews, também com formato inovador.

Com isso, as emissoras passam a investir e atender a demanda de seu público. O telejornalismo de entretenimento foi inevitável. Além disso, os telejornais pouco a pouco abrem espaço para questões de política, violência e corrupção.

A chegada da TV digital a partir de 2007 também gerou grandes mudanças. Com ela, diferente do sinal analógico, é possível ter alta qualidade de som e imagem.

As principais diferenças do novo sistema de transmissão digital com relação ao sistema analógico são: a alta qualidade de imagem e som oferecidos – capazes de superar até mesmo a resolução oferecida pelo cinema; multiplicidade de canais, acessibilidade – que permite portabilidade e acesso ao sinal digital de forma mais democrática, até mesmo em aparelhos de celular e interatividade com o telespectador. (AQUINO, 2010)

Sem dúvida a HDTV trás novas possibilidades a televisão e ao telejornalismo, pois ela abre as portas para a convergência das mídias, novas plataformas e formatos. Para tanto é necessário que a evolução do telejornalismo continue para adaptar-se a essas novas tecnologias.

### **3 Telejornalismo em João Pessoa**

Ao contrário de muitos Estados no Brasil, que teve sua primeira TV instalada na Capital, na Paraíba foi a cidade de Campina Grande a primeira a receber uma emissora em 1966 por ordem Assis Chateaubriand. Ele fundou a TV Borborema, que era filiada da rede

Tupi e fazia parte dos Diários Associados.<sup>5</sup> A emissora entrou no ar dia 14 de março de 1966 e permaneceu como afiliada da Rede Tupi até o mês de julho de 1980. Mas diferente de várias associadas a Rede, que foram cassadas por questões políticas e financeiras, a TV Borborema conseguiu se manter e integrou a Rede de Emissoras Independentes, liderada pela TV Record de São Paulo e TVS Rio de Janeiro.

Em seguida, a primeira televisão do Estado filiou-se a Rede Globo, permanecendo até o dia 31 de dezembro de 1986, quando perdeu a concessão para a TV Paraíba. Em 1987 tornou-se afiliada da Rede Manchete e em 1989 mudou para a SBT, onde permanece até hoje.

Durante a década de 70, no período militar, enquanto a TV Borborema seguia em Campina Grande, as outras emissoras que queriam se instalar no Estado encontraram dificuldades para conseguir a concessão. Por conta dessas dificuldades, em 77, a Globo Nordeste implanta transmissores em João Pessoa, que por isso só acompanha as notícias do estado de Pernambuco. A necessidade de uma emissora na Capital da Paraíba era urgente, mas as concessões só foram liberadas novamente na década seguinte.

Por isso, somente duas décadas depois da inauguração da TV Borborema, dia 1ª de janeiro de 1987, João Pessoa tem a inauguração oficial da sua primeira emissora, a TV Cabo Branco, que aconteceu junto com sua co-irmã, a TV Paraíba, em Campina Grande.

Porém antes de chegar no dia da sua inauguração de fato, em 1987, a TV Cabo Branco percorreu um ano inteiro de 86 em caráter experimental. Pela falta de experiência, durante esse ano a equipe gravava vários pilotos: fazia telejornais, editava e avaliava. No segundo semestre do mesmo ano a emissora começou a entrar no ar em caráter experimental como repetidora da TV Bandeirantes exibindo os jornais Jogo Aberto, na hora do almoço e Câmera 7, durante a noite.

A TV começou a operar na cidade exibindo quatro telejornais. O Globo Esporte e três edições do Jornal Cabo Branco - um ao meio dia apresentado por Edilane Araújo; outro as 7 da noite, apresentado por Geraldo Oliveira e outro por volta das 11h30 da noite, apresentado por Rejane Brandão, que um tempo depois foi retirado da grade de programação da Rede. O Bom dia Paraíba era opcional para as afiliadas e só começou a ser exibido na Cabo Branco dois meses depois da inauguração. Um fato interessante é que João Pessoa começou a fazer o Bom dia Paraíba antes que muitas afiliadas pelo Brasil.

---

<sup>5</sup> Conglomerado de empresas de mídia do Brasil fundada por Assis Chateaubriand em 1924. Chegou a ser a maior corporação de imprensa do país. Ver mais em: <http://www.diariosassociados.com.br/>



A TV O Norte estreou no mesmo dia que a TV Cabo Branco, em 1987, como afiliada da Rede Manchete. A emissora foi fundada pelo jornalista Marconi Góes e tinha como diretor de operações Haroldo Reis, vindo da Tupi do Rio de Janeiro, e que operacionalizou tudo.

Três meses depois a emissora passou a ser filiada da SBT. Nesse período a TV O Norte tornou-se a primeira emissora a fazer coberturas ao vivo de eventos como o carnaval, Miss Paraíba e desfiles de 7 de setembro. Em 1995, a televisão deixa o SBT, passa a integrar a Rede Record durante dois anos e volta para a Rede Manchete. Com o fechamento desta última, filiar-se a Rede Bandeirantes em fevereiro de 1998, onde está vinculada até hoje.

No dia 10 de fevereiro de 2016, a TV Clube passou a ser chamada de Canal 10 PB, enquanto passava por nova reformulação e o público votava no novo nome da emissora numa enquete nas redes sociais. O nome escolhido foi TV Manaíra e no dia 14 de março do mesmo estreia a nova programação com novos programas e novos apresentadores.

Ao contrário de suas antecessoras, a TV Tambaú, inaugurada em 5 de agosto de 1991, como afiliada da Rede Manchete, já possuía profissionais com alguma experiência em TV, advindos das TV já inauguradas desde 1987.

O primeiro jornal a entrar no ar foi o *Tambaú Notícias* às 7 da noite com apresentação de Luciane Loureiro e Lourimar Neto, ambos vindos da TV Potengi, do Rio Grande do Norte.

Com um grande investimento da Rede Manchete, a Tambaú possuía equipamentos modernos para aquela época e conseguiu fazer a primeira transmissão nacional, ao vivo, do São João de Campina Grande, antes mesmo de completar um ano de aniversário. Além disso, a TV Tambaú já trabalhava com *links* ao vivo em seus telejornais e constantemente exibia matérias locais em rede nacional.

Porém, com toda a influência da Rede Globo, a TV Cabo Branco ainda saía na frente na audiência. Por isso, pensando em chamar a atenção das classes mais populares, a TV Tambaú, lança em 1994 o telejornal policial *Caso de Polícia*. De forma descontraída, o apresentador conversa com o telespectador, mostra o criminoso e os repórteres até os entrevistam. É uma novidade na televisão da cidade. A audiência subiu e aumentaram os anunciantes.

A partir do dia 1º de julho de 1995 a emissora começa a transmitir o sinal do SBT, passando por um processo de transição que visou investir mais no jornal da noite e no do meio dia, consolidando assim a vice-liderança na região.

A TV Correio começou a operar na cidade ainda como repetidora, em 1986, com o sinal da Rede Manchete, quando fizeram a instalação da antena. Em 1991 a emissora mudou para a Rede Bandeirantes, com planos de estreia da sua programação local no ano seguinte.

Diferente das outras emissoras que já estavam no ar, a TV Correio estreou no dia 1º de dezembro de 1992 com uma proposta diferente. Tony Show, radialista bastante popular do Sistema Correio, foi convidado para realizar um programa de auditório semanal, à exemplo do seu programa de rádio, e fazer a estreia da emissora.

O programa deu certo. As gravações eram feitas no Teatro de Arena e por conta do sucesso o programa, depois de alguns meses, passou a ser diário e ao vivo. Além disso, Tony Show deixou de fazer apenas entretenimento e começou a se arriscar em quadros com viés jornalístico voltado para a comunidade. Esse formato de programa de televisão influenciou toda a história da TV Correio a seguir com um telejornalismo mais popular.

Em 1997 a Correio passa a filiar-se a Rede Record onde permanece até hoje.

Um dos grandes marcos da TV Correio foi a estreia do programa *Correio Verdade* em 2003, programa policial apresentado por Samuka Duarte que se intitulava defensor da família. O programa caiu tanto no gosto do telespectador que durante muitos anos passou a ficar em primeiro lugar na audiência no horário do meio dia. Hoje, ainda no ar, o programa divide a audiência com o *JPB 1ª Edição*, da TV Cabo Branco.

### **3 Audiência: ontem e hoje**

A audiência é uma corrida sem fim para as emissoras de televisão. Está na frente não significa somente que o programa é melhor, mas sim anunciantes e inevitavelmente as TVs precisam deles para continuar no ar.

Essa busca pelo público vem de muito tempo. Alguns autores destacam que a chegada da TV a cores foi o suficiente para conquistar de vez o coração dos telespectadores. As imagens coloridas trouxeram a eles a sensação de que o se passava no aparelho televisor poderia ser real.

As cores, o quarto elemento a caracterizar a mídia televisão, foi o último a chegar. Mas proporcionou uma revolução. Agora era necessário preparar a pele dos apresentadores, dos atores, das atrizes para a iluminação artificial dos estúdios. E as cores aplicadas aos cenários, que harmonizavam-se

entre si. Os figurinos também precisaram ser repensados e testados. A cor trouxe vida e realidade às transmissões de TV. (ABREU E SILVA, 2012)

Quando estreou no primeiro dia do ano de 1987, a TV Cabo Branco já possuía um telespectador fiel. Ainda que fosse sua primeira transmissão em caráter definitivo e as pessoas em casa nunca tivessem assistido àquela programação, a influência que a Rede Globo possuía nacionalmente refletiu na sua filiada em João Pessoa.

Quando a TV Cabo Branco entrou no ar, aqui não tinha Globo local, mas já existia uma audiência já vinda do Rio de Janeiro, do Suldeste do país. A Rede Globo pra você ter uma ideia, o JPB 2ª Edição, ele atingia 82 pontos de audiência, era um negocio fantástico, a gente nem acreditava. (SCHUELER, 2016). (Informação Verbal)<sup>6</sup>

Durante a pesquisa foi detectado que a TV Cabo Branco, na época de sua estreia não tinha concorrência que a batesse. Pessoas que tinham o costume de assistir ao Jornal Nacional, por exemplo, com a chegada da TV local, esperavam ele começar assistindo a segunda edição do JPB. Os pontos de audiência chegavam a 80% e sem qualquer disputa, ela se mantinha a líder.

Com o surgimento das outras TVs não houve preocupação inicial, mas o mercado trouxe novos desafios e novas ideias. A TV Tambaú, terceira emissora a inaugurar, investiu num formato de telejornal completamente diferente e fora do padrão Globo, o Caso de Polícia. A ideia vinha desde o jornal exibido nacionalmente pela SBT, Aqui e Agora, em 1991, onde eram exibidas manchetes escandalosas e reportagens policiais, com o repórter muitas vezes inserido no local do crime de tal forma, que corriam riscos de morte.

Olhe, na realidade a TV Cabo Branco, agora começou a querer se popularizar mais, exatamente por conta da audiência. É uma coisa que vem desde Aqui e Agora, que começou essa coisa policalesca, de baixar o nível da televisão. A gente foi obrigado, de certa forma, a enveredar por isso, a montar um programa como o Caso de polícia, que existe até hoje. (...) sem audiência nós não somos nada e aí não vende. Na época a Cabo Branco tinha 70% da fatia do bolo e qual foi a saída? Popularizar! E popularizar o povo começa a assistir e a audiência começou a subir. A da Cabo Branco começou a baixar, os anúncios começaram a surgir para a gente. Chegou um ponto que não tinha onde anunciar, tinha que ter até merchandising no programa. (MENDES, 2016). (Informação Verbal).

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por SCHUELER, Aldo. Entrevista VI. [maio. 2016]. Entrevistadora: Gabriela Neves. João Pessoa, 2016. 1 arquivo .mp3 (25min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

A proposta deu certo, nele o apresentador olhava diretamente para câmera e conversando com o telespectador. Mostrava sua indignação e representava a opinião da periferia. A comunidade sentiu-se representada e se identificava com a raiva que o apresentador sentia ao noticiar um homicídio ou assalto.

A audiência passou a ser uma preocupação, mas ainda assim, de acordo com alguns entrevistados, houve resistência por parte da afiliada. O padrão Globo não permitia mudanças na forma de apresentar e de falar. A bancada era o lugar do apresentador e a forma fria e distante que davam a notícia era a forma que a Rede fazia jornalismo desde seu surgimento.

Porém, durante o decorrer dos anos foi percebido que a TV mais popular caiu no gosto do povo. O telejornalismo percebeu que buscar notícias mais comunitárias dá audiência porque o povo se sente representado. Então como a televisão chega com facilidade a todas as comunidades, dirigir-se para elas faz com que eles tenham prazer em assistir o telejornal e tornar-se um telespectador assíduo.

Antes todo mundo aceitava aquela condição de liderança imbatível da Globo, mas houve um momento que o mercado foi ganhando novos desafios... essa linha policial, por exemplo, a Globo resistiu, ou é essa a impressão que a gente tem, a resistência de se render a isso. Aí depois foi se adaptando por perceber o interesse do público nisso. Porque por mais que a gente não queira, dá audiência o sangue, o policial, as cenas chocantes. (FIGUEIREDO, 2016). (Informação Verbal).

Em 2003 outro programa surgiu, levando a audiência de todas as emissoras da cidade, o Correio Verdade, no horário do meio dia, apresentado por Samuka Duarte, que se auto intitula o defensor da família. Nele, Samuka não tem bancada, passeia pelo estúdio, conversa com o telespectador e se indigna constantemente com os crimes, muito parecido com o formato dos telejornais policiais até então. Porém, a desempenho do apresentador faz toda diferença e ele conquista o público de tal forma, representa tão bem as periferias, que a alta na audiência foi inevitável.

O programa está no ar até hoje, é um concorrente direto da TV Cabo Branco e por muitos anos passou na frente da afiliada Globo.

Então, apesar da resistência foi necessária mudança por parte da Cabo Branco. Ela abdicou de sua bancada, os textos se tornaram mais coloquiais, investiram nas notícias policiais, mas de forma mais amena do que as outras televisões e passaram a exibir quadros de apoio a comunidade, que concerta buracos, esgotos e resolve problemas no geral.

As mudanças que eu percebo são de linguagem. Antes o texto tinha que ser muito correto. Não tinha nada muito coloquial. Era correto e limpo. Hoje você tem que falar mais ou menos como uma pessoa fala, sem se ater muito as regras. Mas é o que digo: se eu não tivesse essa capacidade de me adaptar, eu não estaria tanto tempo, porque foram muitas transformações: linguagem, linguagem corporal – uma coisa é você está o tempo todo numa bancada, tendo o conforto de está ali sentada, e depois “jogaram” o apresentador em pé. Para muita gente não funciona, tem gente hoje que terem tirado a bancada matou o apresentador, por que ele não consegue se colocar em pé com uma postura, até física mesmo. Em pé o telespectador observa tudo, o sapato a roupa inteira. Então se você não se coloca bem, a sua apresentação fica comprometida. (ARAÚJO, 2016). (Informação Verbal).

Percebe-se na pesquisa quê jornalistas que fazem parte da TV Cabo Branco defendem não haver mais o padrão Globo e que a TV é voltada para a comunidade. Porém, outros jornalistas que já passaram pela afiliada aqui no Estado reforçam que apesar das grandes mudanças, da tentativa de se tornar popular, a Cabo Branco mantém um resquício de superioridade do padrão Globo que não é fácil deixar de lado.

Porque a televisão Cabo Branco e Paraíba (que são Globo) são muito, não sei se devo usar esse termo, mas taciturnas, muito fechadas, muito sérias demais. Até os seus apresentadores se acham, digamos assim, sem querer magoar, donos de tudo, os melhores. Talvez eles nem pensem assim, mas é o jeito não é?! Existe muita preocupação com a plasticidade de cada um. O pessoal anda tão arrumado que até uma vez eu observei que um dos apresentadores de uma das emissoras da Globo estava com as sobrancelhas tão bem feitas, dignas de um rosto feminino. Então quer dizer, a preocupação com a plasticidade do pessoal da Globo é muito interessante. (SOUTO MAIOR, 2016). (Informação Verbal).

Parece que a TV Cabo Branco e a própria Rede Globo, permanecem com um resquício do jornalismo sério e padronizado de outrora, mas ainda assim é indiscutível as mudanças que eles fizeram e vem fazendo em seus telejornais para se aproximar do público e não perder audiência para as outras emissoras mais abertas e mais suscetíveis a quebra de padrões.

Desde a veiculação do primeiro telejornal brasileiro, as modificações, advindas com o tempo, são naturais e perceptíveis em todos os noticiários, independente de emissora. Afinal, à medida que a sociedade evolui, acaba por impor, também, a mutação de bens, serviços e entretenimento. Na atualidade, a ordem nas redações é romper paradigmas por muitos anos cultivados, mas que têm se revelado ineficientes na conquista do telespectador. Modelos que por muito tempo eram propagados de geração

em geração de telejornalistas têm sido deixados de lado a fim de dar lugar à experimentação, ao novo. (MAIA, 2011)

#### 4 Considerações finais

Já foi dito anteriormente quão importante é para nós, seres humanos, o resgate da memória. É ela que ajuda a construir a nossa identidade, seja coletiva ou não. Buscar a memória de meios de comunicação nos oferece entendimento acerca da construção da sociedade e suas influências. A TV, meio de comunicação que conquistou pessoas pelo mundo todo, é peça fundamental na construção do perfil da sociedade brasileira, visto que ela formou e informou milhares de brasileiros até os dias de hoje

Diante do que foi exposto nesta pesquisa o telejornalismo passou por grandes transformações, desde a exibição de Imagens do Dia, o primeiro telejornal. Não somente tecnológicas, mas também de conteúdo. Por isso, se faz tão necessário esse recorte histórico da televisão na Capital da Paraíba, para que nos ajude a compreender o que acontece hoje. Percebeu-se durante a pesquisa que muito se tem escrito sobre a televisão no Brasil, mas ao voltar-se para recortes mais regionais, existem grandes lacunas que ainda precisam ser preenchidas entre o passado e o presente. A partir de análises das entrevistas feitas a profissionais que participaram de alguma forma da implantação das emissoras aqui na cidade foi percebido que mesmo com a televisão no país desde os anos 50, muito pouco havia evoluído e tudo continuava sendo muito limitado. Não só na questão tecnológica, mas na forma de se ter acesso a notícia. Verificou-se também a preferência da audiência pela Globo no início, visto que a primeira emissora a chegar a João Pessoa era afiliada da Rede e que essa hegemonia só conseguiu ser quebrada com a popularização dos programas policiais. Além disso, notou-se que os entrevistados pouco têm a acrescentar em relação a comparações do que é e o que era notícia.

Esta pesquisa fortalece a história das primeiras emissoras em João Pessoa, mas mostra que ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Com a chegada do aniversário dos 50 anos da televisão na Paraíba e dos 30 anos em João Pessoa faz-se necessário refletir sobre a falta de materiais historiográficos sobre o nosso telejornalismo, que é tão rico.

#### Referências

ABREU, Karen Cristina Kraemer; DA SILVA, Rodolfo Sgorla. **História e Tecnologias da Televisão**. Covilhã: Universidade. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf> acesso em: 7 de março de 2016

AQUINO, Agda. **De Chatô à TV digital**: apontamentos históricos sobre televisão e telejornalismo na Paraíba. In: I Encontro de História da Mídia do Nordeste. Natal/RN : Editora UFRN, 2010. v. 1.

BRASIL, Antonio. **Telejornalismo imaginário**: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV. Editora Insular, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MAIA, Alice Silva Corrêa. **O telejornalismo no Brasil na atualidade**: em busca do telespectador. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf> acesso em: 10 de março de 2016.

MATTOS, Sérgio. **O resgate da memória**. Comunicação plural, p. 33, 2007.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**: a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil**. Comunicação e Mercado, v. 1, p. 8-23, 2012.